



umanitas

72

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press

Versão integral disponível em [digitalis.uc.pt](https://digitalis.uc.pt)

**A PROPÓSITO DE CEUTA: ALGUMAS QUESTÕES DE GEOGRAFIA E  
EPIGRAFIA ANTIGAS**

**CONCERNING CEUTA: SOME QUESTIONS ON ANCIENT GEOGRAPHY  
AND EPIGRAPHY**

**VASCO MANTAS**

[vsmantas@gmail.com](mailto:vsmantas@gmail.com)

Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

<https://orcid.org/0000-0002-6109-4958>

Artigo submetido a 13-04-2017 e aprovado a 20-11-2017

**Resumo**

A investigação sobre o passado do Estreito de Gibraltar e da cidade de Ceuta progrediu notavelmente nas últimas duas décadas, justificando que se retome a análise de algumas questões ainda não resolvidas, ou de solução precária, relacionadas com a Antiguidade. Neste artigo propomos uma releitura da *Ora Maritima* de Avieno, na parte referente à localização do Monte Zéfiro, e uma nova interpretação do significado de um fragmento de inscrição achado em Ceuta no final do século passado. Em ambos os casos foram tidos em conta factores suficientes para sustentar as hipóteses que sugerimos, pretendendo assim estimular o debate sobre o passado de Ceuta, pouco cuidado em Portugal.

**Palavras-chave:** Ceuta; *Ora Maritima*; Epigrafia; Estreito de Gibraltar; Lusitânia

**Abstract**

Research into the past of the Strait of Gibraltar and the city of Ceuta progressed remarkably in the last two decades, which justifies resuming the analysis of several completely or partly unanswered questions related to Antiquity. In this paper we

suggest a new perspective on *Ora Maritima* by Avienus, in the part addressing the location of Mount Zephyris, and a new interpretation of the meaning of a fragment of inscription found in Ceuta. In both cases sufficient elements were taken into account to substantiate the hypotheses we put forth, aiming at stimulating the debate on the past of Ceuta, a subject often neglected in Portugal.

**Keywords:** Ceuta; *Ora Maritima*; Epigraphy, Strait of Gibraltar; Lusitania

A cidade africana de Ceuta pertence ao grupo privilegiado daquelas que, por alguma razão, ganharam relevo na história, mantendo essa situação até hoje apesar das vicissitudes que naturalmente marcam a existência das criações humanas<sup>1</sup>. Votada pela natureza a servir de portal entre a África e a Europa, pela sua posição sobre o Estreito de Gibraltar, que lhe conferia também a função fortemente simbólica de ligação entre o Mediterrâneo das velhas civilizações e o Atlântico dos grandes espaços desconhecidos<sup>2</sup>, cenário ideal do mito, Ceuta permanece terra de imaginários diversos e, por vezes, contraditórios.

Cidade autónoma desde 1995, Ceuta continua a despertar o interesse dos portugueses, sobretudo por razões de memória histórica, uma vez que a tomada da cidade em 1415, cujo sexto centenário foi discretamente comemorado, permanece como marco simbólico do início da expansão ultramarina portuguesa<sup>3</sup>, ou melhor, europeia. Antes de recuar no tempo permitimo-nos sublinhar o que esta cidade, dividida entre dois mundos e para além dos mitos primários da globalização, representa de paradoxal na história nacional, pois Ceuta é, no que foi o império luso, o único ponto onde sobrevive como símbolo oficial o brasão português, apesar da cidade, ao contrário de Tânger<sup>4</sup>, ter mantido a lealdade à monarquia filipina em 1640, permanecendo, de alguma forma, como símbolo latente do ideal dualista.

Deixemos, porém, os tempos mais ou menos modernos e passemos à Antiguidade e aos pequenos problemas que vamos tentar reanalisar, pois não se trata aqui de verdadeiras novidades, antes de uma tentativa de encontrar novas explicações para o que ainda não parece seguro. Durante muito tempo a história antiga de Ceuta foi muito mal conhecida, circunstância que as numerosas escavações efectuadas na cidade durante os últimos anos

---

<sup>1</sup> Villada 2009.

<sup>2</sup> Mantas 2015: 11-35.

<sup>3</sup> Monteiro e Costa 2016.

<sup>4</sup> Castilla 1991: 125-136.

alteraram definitivamente, sobretudo quanto à origem e desenvolvimento da povoação, que pode agora ser acompanhado desde tempos da presença fenícia<sup>5</sup>. Apesar de tudo, persistem muitas dúvidas, mesmo para o período inicial do domínio romano, quando a relevante posição geográfica de Ceuta se vai afirmando, agora no quadro de um mundo muito maior e unificado terminado o episódio mauritano<sup>6</sup>, integração que teve significativo impacte na área do Golfo de Cádiz.

As fontes antigas, embora relativamente numerosas, não são muito explícitas quanto à toponímia de Ceuta durante grande parte do período imperial, pois se ocupam sobretudo de descrições regionais, nem sempre fáceis de identificar no terreno. Parece confirmada a derivação do topónimo a partir do numeral *Septem*, elemento do topónimo latino *Septem Fratres* (Sete Irmãos), que traduz o grego *Hepta Adelphoi*, segura referência às elevações existentes nas cercanias de Ceuta<sup>7</sup>, circunstância muito vulgar na toponímia antiga. Como também é normal, o segundo elemento do topónimo caiu, restando *Septem*, que surge nas fontes bizantinas do século VI como *Septum* ou *Septon*<sup>8</sup>, enquanto um pouco depois o *Anónimo de Ravena*, recorrendo a documentação em grande parte atribuível ao Baixo-Império, designa o Estreito de Gibraltar como *Fretum Septem*<sup>9</sup>, sugerindo o desenvolvimento de Ceuta e conseqüente declínio da designação clássica do Estreito, concorrendo com outra designação usual, *Fretum Gaditanum*.

As referências geográficas não permitem com segurança a sua identificação com o núcleo populacional existente em Ceuta, referências que se encontram sobretudo em autores como Estrabão, Pompónio Mela, Plínio-o-Velho e Ptolomeu, aos quais devemos acrescentar o *Itinerário de Antonino*. A partir das indicações transmitidas por estas fontes, localizar com precisão quer *Septem Fratres*, quer *Abyla*, tanto mais que, em relação a este orónimo os códices de Ptolomeu nos brindam com seis variantes, não é tarefa fácil. Seja como for, trata-se sempre de descrever acidentes geográficos e não uma povoação, a situar em Ceuta, entre *Septem Fratres* e *Abyla*, pontos que poderemos identificar com *Jebel Musa*, a ocidente, e com o Monte Hacho, no extremo oriental da península de Ceuta (Fig. 1).

---

<sup>5</sup> Villada, Ramón e Suárez 2007: 125-134.

<sup>6</sup> Bernal 2013: 15-16.

<sup>7</sup> Isidoro *Etym.* 15.1.73; Closa 1988: 39-46; Lipiński 2004: 422-425.

<sup>8</sup> Procópio *De Aed.* 6.7.14; *De Bell.*, 5.6.

<sup>9</sup> Anónimo de Ravena 305.43.